


A DECISÃO DE MORRER: UMA REFLEXÃO FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL DO ROMANCE “VERONIKA DECIDE MORRER”

 <https://doi.org/10.56238/arev7n3-229>

Data de submissão: 21/02/2025

Data de publicação: 21/03/2025

Gabriela Souza de Oliveira

Discente de Psicologia (Ensino Superior Incompleto)
Faculdades de Dracena – Unifadra
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5956427709221591>

Andréa Frizo de Carvalho Barbosa

Mestra
Faculdades de Dracena – Unifadra
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6307443594947566>

RESUMO

Publicado em 1998 pelo escritor brasileiro Paulo Coelho, “Veronika Decide Morrer” narra a história de Veronika, uma jovem de 24 anos que, apesar de ter uma vida aparentemente comum e estável, decide acabar com a própria vida devido a um sentimento de profundo vazio e insatisfação. Após uma tentativa de suicídio não concretizada, Veronika acorda em uma instituição de saúde mental chamada Villette, onde é informada pelo Dr. Igor que tem apenas uma semana de vida devido a danos irreversíveis ao seu coração. Este estudo busca analisar como a narrativa do livro retrata o sentido da vida, utilizando uma abordagem fenomenológica-existencial para compreender as experiências subjetivas da protagonista. A abordagem foca nas percepções individuais das experiências, explorando questões fundamentais sobre a liberdade de decidir sobre a própria vida e a busca por sentido diante da morte iminente. Durante sua estada em Villette, Veronika experimenta novos prazeres e percebe que cada segundo da existência é uma escolha entre viver e desistir, descobrindo que sempre há outro sentido para a vida, mesmo quando o tempo é curto. Este artigo propõe uma reflexão sobre como as decisões de vida e morte são influenciadas por fatores subjetivos e existenciais, oferecendo uma nova perspectiva sobre a finitude e a liberdade individual.

Palavras-chave: Veronika Decide Morrer. Sentido da Vida. Suicídio. Psicologia Existencial. Fenomenologia-Existencial.

1 INTRODUÇÃO

Publicado em 1998 pelo escritor brasileiro Paulo Coelho, “Veronika Decide Morrer” é um romance psicológico que narra a história de Veronika, uma jovem de 24 anos que vive na capital da Eslovênia, Liubliana. Desde o título e o primeiro parágrafo, o leitor é informado da decisão de Veronika: ela decide morrer. “No dia 11 de novembro de 1997, Veronika decidiu que havia - afinal! - chegado o momento de se matar” (Coelho, 1998, p. 07). Para Veronika, sua vida havia se tornado monótona e sem perspectivas de novidades, justificando, assim, sua vontade de pôr fim à própria existência.

Veronika é uma jovem considerada comum, com sonhos e desejos semelhantes aos de qualquer outra pessoa de sua idade. Ela tem um emprego razoável, mora em um pequeno quarto que lhe proporciona a tão desejada privacidade, frequenta bares movimentados e se relaciona com rapazes atraentes. No entanto, apesar de todas essas atividades, ela sente que algo essencial falta em sua vida, um vazio que não consegue preencher.

Após sua tentativa de suicídio, Veronika acorda e diz saber que não estava no céu, na verdade, o local onde ela estava lhe dava a percepção de definitivamente não parecer nada com o céu, ela estaria então internada em uma instituição de saúde mental, o chamado Villette, e não havia conseguido morrer.

A abordagem fenomenológica-existencial foca na vivência direta e nas percepções individuais das experiências, buscando entender como os indivíduos dão sentido às suas vidas a partir de suas próprias perspectivas (Sapienza, 2022). Neste contexto, Veronika nos confronta com questões fundamentais: existe um momento ideal para que a morte aconteça? Seria a morte uma decisão nossa diante da liberdade de nossas vidas? O que nos faz decidir sobre a morte neste momento? Existe um momento ideal para que a finitude seja imposta? Quais fatores influenciam nossa decisão de buscar a finitude? Sapienza, 2022, p. 17, declara: “Quem trabalha com fenomenologia convive com isto: a necessidade de ir direto ao fenômeno tal como se apresenta”.

No decorrer de sua estada em Villette, Veronika começa a perceber que cada segundo da existência é uma escolha entre viver e desistir. Mesmo diante da iminência da morte, ela experimenta novos prazeres e descobre que sempre há outro sentido para a vida. Contudo, o tempo é curto. Dr. Igor, médico psiquiatra da instituição mental onde Veronika desperta, informa que, apesar de não ter morrido naquele momento, sua vida não se estenderá além de uma semana, pois seu coração pode parar a qualquer momento (Coelho, 1998, p. 36). Com essa nova perspectiva, Veronika se vê diante de uma nova pergunta: que vida ela gostaria de viver sabendo que a morte, que tanto desejava, está

iminente? E mais, como viveríamos nossas vidas se soubéssemos a data de nossa morte? E se assim o desejássemos?

Para Jean-Paul Sartre (2015), o ser humano é radicalmente livre e tem a responsabilidade de criar sua própria essência por meio das escolhas que faz. Sartre afirma que "a existência precede a essência", o que significa que o ser humano nasce sem um propósito pré-determinado, cabendo a ele dar sentido à sua vida. Nesse sentido, deliberar sobre a própria vida envolve o reconhecimento da liberdade inescapável que o indivíduo possui, além da responsabilidade por todas as suas decisões.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Refletir como a narrativa de "Veronika Decide Morrer", de Paulo Coelho, retrata o sentido da vida e a decisão de morrer, utilizando uma abordagem fenomenológica-existencial para compreender as experiências subjetivas da protagonista.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Refletir como a monotonia e a percepção de falta de sentido da vida influenciaram a decisão de Veronika morrer, a partir da perspectiva fenomenológica-existencial; compreender, a partir da abordagem fenomenológica-existencial, como a nova realidade de Veronika afetou sua perspectiva sobre a vida e a morte; refletir sobre as implicações filosóficas e existenciais de conhecer o próprio prazo de vida; refletir sobre as questões filosóficas de liberdade e escolha relacionadas à decisão de morrer.

3 METODOLOGIA

Para alcançar os resultados propostos neste estudo, foi realizada uma pesquisa de natureza exploratória, conforme definido por Gil (2002). O método adotado foi o da pesquisa bibliográfica, que permite uma investigação detalhada de textos previamente publicados e relevantes para o tema abordado. A obra principal utilizada como base para a análise inclui "Veronika Decide Morrer", de Paulo Coelho (1998), juntamente com revisões bibliográficas pertinentes ao tema de morte e sentido da vida.

No desenvolvimento da seção de "resultados e discussão", foi empregada a técnica de leitura exploratória, também conforme Gil (2002). Esta abordagem busca identificar a relevância das obras consultadas para o tema de estudo, destacando os pontos mais significativos que contribuem para a análise do desespero existencial e da busca pelo sentido de vida em "Veronika Decide Morrer".

Por fim, na seção de "considerações finais", os dados obtidos foram interpretados através de uma análise qualitativa, que visa aprofundar a compreensão dos fenômenos estudados, oferecendo reflexões sobre as implicações existenciais e psicológicas retratadas no romance.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O romance *Veronika Decide Morrer*, de Paulo Coelho, é uma obra que convida à reflexão sobre temas profundos como o suicídio, o vazio existencial e a busca pelo sentido da vida. A partir da trajetória de Veronika, a protagonista, o autor nos leva a explorar as motivações que levam uma pessoa a considerar o fim da própria vida, bem como as transformações que podem ocorrer quando se confronta diretamente com a morte.

A segunda página já nos permite refletir e conhecer Veronika. Veronika, enquanto aguardava sua morte, já com comprimidos em seu organismo, começa a ler uma revista sobre informática, algo que não a interessava, porém, Veronika estava habituada a procurar o próximo e fácil, assim como aquela revista que estava ao seu lado, não importando seu tema, mas sim o local onde ela se encontrava, próxima e fácil (Coelho, 1998, p. 08).

Veronika também tinha um emprego como bibliotecária que, apesar de promover a estabilidade, não era algo que ela percebia sentido em sua atuação, era algo automático e completamente sem envolvimento emocional (Coelho, 1998, p. 28).

Apesar do seu desejo pela morte, preocupou-se em como morrer. Preocupando-se com os que ficariam, sobre a possível forma que se sentiriam aqueles que ficariam, levando-a a considerar ingerir os comprimidos de calmantes por ser uma forma mais “tranquila” com que a história sobre sua morte seria contada (Coelho, 1998, p.09).

A protagonista nos diz de forma clara as razões de sua escolha de não viver:

A primeira razão: tudo em sua vida era igual, e - uma vez passada a juventude - era decadência, a velhice começando a deixar marcas irreversíveis, as doenças chegando, os amigos partindo. Enfim, continuar vivendo não acrescentava em nada; ao contrário, as possibilidades de sofrimento aumentavam muito. A segunda razão era mais filosófica: Veronika lia jornais, assistia TV, e estava a par do que se passava no mundo. Tudo estava errado, e ela não tinha como consertar aquela situação - o que lhe dava uma sensação de inutilidade total (Coelho, 1998, p. 13).

Na sociedade contemporânea, o suicídio muitas vezes é associado a causas tangíveis e visíveis, como a depressão, perda de um familiar ou condições de vida adversas. No entanto, como o romance de Paulo Coelho (1998), o suicídio pode também ser motivado por uma perda mais sutil e profunda: a perda de sentido na vida. Veronika não está simplesmente fugindo de uma dor específica, mas de um vazio existencial que torna a vida insuportável.

Na perspectiva existencial apresentada por Feijoo (2019) o suicídio é visto como uma expressão única e profundamente pessoal, uma possibilidade inerente à condição humana, em vez de ser meramente um desvio patológico ou social. Nesse olhar, o suicídio é entendido como uma resposta existencial que surge do desespero, da falta de sentido, ou da busca por uma saída diante das limitações e sofrimentos inevitáveis da vida.

O romance não se aprofunda em sofrimentos de fácil compreensão para a sociedade, e parece-nos interessante que isso não apareça, pois qualquer pessoa incapaz de ver sentido em sua vida poderá por fim tomar a decisão de morrer. “A falta de sentido da vida pode ser um significativo componente na tomada de uma decisão violenta de se matar.” (Rocha et al., 2012).

A falta de sentido, o vazio existencial, levará uma pessoa a tentar salvar-se desta angústia, preencher este vazio existencial, fazendo acreditar que esse desconhecido, a morte, o resgatará deste sofrimento (Dutra 2000).

Veronika tinha a convicção de que havia vivido no mundo tudo o que lhe cabia viver e, como a vida sempre acabaria com a morte, ela gostaria de chegar a este lugar da morte, onde ela diz que somente assim iria adquirir sua liberdade e esquecimento eterno. Em seu coração, ainda que convicta, apareciam uma série de questionamentos entre seu desejo de morrer e sobre tudo aquilo ensinado acerca do suicídio, chegando à ideia de que, caso Deus realmente existe, ele deveria ser generoso e compreensível com aqueles que optaram por deixar de viver em um mundo repleto pelas crueldades, injustiças e sofrimento (Coelho, 1998, p. 15).

Uma tentativa de suicídio coloca a pessoa diante de um problema existencial significativo. Ela tem de responder a si mesma qual o valor que a vida tem para ela. Quem tenta contra a própria vida, seguramente, já não encontra valor nela (Rocha, Boris e Moreira, 2012).

A protagonista estava feliz com sua decisão, de morrer de forma prevista, escolhida e tranquila. Principalmente, pela sensação de se encerrar por ali o ciclo de viver a monotonia dos dias iguais. E por algo que nos chama a atenção, a felicidade de saber que as coisas boas não perderiam sua originalidade na tragédia de uma vida onde tudo poderia se repetir (Coelho, 1998, p. 16).

Para a tristeza desta jovem, a morte não a escolhe e ela acorda. Acorda em Villette, descrito como “um lugar onde ninguém jamais havia fugido. Que misturava os verdadeiros loucos com aqueles que eram acusados de loucura, ou fingiam insanidade” (Coelho, 1998, p.20). Ao despertar em Villette, Veronika é confrontada com a realidade de que sua tentativa de morrer falhou, o que a mergulha em um novo tipo de desespero. Ela tenta arrancar desesperadamente os aparelhos que a mantêm viva, mas é contida por uma enfermeira que, de forma protocolar, administra uma injeção que a deixa atordoada (Coelho, 1998, p. 22).

Veronika inicialmente imagina que sua vida após a tentativa de suicídio seria marcada pela repetição da monotonia e da falta de sentido que sempre sentiu (Coelho, 1998, p. 28). Ela se vê incapaz de encontrar qualquer propósito em continuar vivendo, o que reforça a apatia e o vazio existencial que a levaram à tentativa de tirar a própria vida. Em suas reflexões, ela expressa o medo de que, mesmo após sobreviver, sua vida não passaria de uma sucessão de dias iguais e sem significado, onde ela seria obrigada a enfrentar a mesma monotonia que havia experimentado anteriormente (Coelho, 1998, p. 29).

Ao longo de sua estadia em Villette, Veronika começa a interagir com outros pacientes, cada um com suas próprias histórias de sofrimento e resistência. Essas interações são cruciais para a transformação de Veronika, que começa a questionar suas convicções anteriores sobre a vida e a morte. Entre os pacientes, ela conhece Zedka, uma mulher que luta contra a depressão; Mari, uma advogada que sucumbiu à pressão do trabalho e das expectativas sociais; e Eduard, um jovem esquizofrênico que se torna o interesse amoroso de Veronika.

À medida que se torna possível entrar em contato, novamente, com os elementos significativos da experiência vivida, o ser humano se torna capaz de potencializar sua condição de existente neste mundo, desdobrando-se em novos significados (Rocha, Boris e Moreira, 2012).

Através dessas relações, Veronika passa a ver que, apesar da dor e do sofrimento, a vida ainda pode oferecer momentos de beleza, conexão e significado. Em vez de encontrar a morte como uma solução, ela começa a experimentar uma nova forma de viver, uma que aceita a incerteza e a imperfeição da existência. Esse processo é central para a mensagem do romance: a ideia de que, mesmo nas circunstâncias mais desesperadoras, é possível encontrar um novo sentido para a vida.

Viktor Frankl, um psiquiatra e sobrevivente do Holocausto, desenvolveu a Logoterapia, que sustenta que a principal motivação humana é a busca por sentido. Em sua obra "Em Busca de Sentido" 1991, Frankl argumenta que, mesmo em situações de extremo sofrimento, como nos campos de concentração, os indivíduos podem encontrar um propósito que dá sentido à sua existência, o que ele chamou de "vontade de sentido".

Frankl afirma que "a vida nunca deixa de ter sentido, mesmo nas condições mais dolorosas e desumanas" (Frankl, 2022). Segundo ele, o sentido da vida não é fixo e pode mudar de acordo com as circunstâncias; ele é encontrado nas respostas que damos aos desafios que enfrentamos. Esse processo de encontrar sentido, mesmo em meio ao sofrimento, possibilita que o indivíduo transcenda sua dor e encontre razões para continuar vivendo. Frankl (2022) sugere que o sentido pode ser descoberto por meio de três caminhos principais: pela criação de uma obra ou realização, pela vivência de

experiências significativas (como amor e relacionamentos), ou pela atitude que tomamos diante do sofrimento inevitável.

Contudo, o tempo é curto. Dr. Igor, médico psiquiatra da instituição de saúde mental onde Veronika desperta, informa que, apesar de não ter morrido naquele momento, sua vida não se estenderá além de uma semana, pois seu coração pode parar a qualquer momento. Veronika passa a experimentar emoções e sensações que havia suprimido por anos, desde o prazer em tocar piano até o amor que desenvolve por Eduard. A narrativa sugere que a experiência em Villette, embora inicialmente vista como uma prisão, acaba sendo uma oportunidade de renascimento para Veronika. Ela redescobre o valor da vida, não como uma sequência interminável de dias iguais, mas como uma jornada imprevisível, cheia de desafios e possibilidades.

Veronika, durante sua estadia, percebe em uma sala um piano. Após olhar de longe o piano, ela consegue finalmente pôr em prática o que sabia muito bem: tocá-lo. Ao tocar aquele piano, as melodias que surgiam, a faziam sentir prazer nas sensações e emoções que dali emergem, como se as tocassem profundamente (Coelho, 1998, p. 135). Ao tocar o piano, Veronika tem contato sua autenticidade e se reconecta com sua individualidade, deixando de lado, pelo menos naquele instante, a monotonia e a apatia que dominaram sua vida antes da tentativa de suicídio. Heidegger (Silveira, 2024) menciona que a autenticidade é uma característica central de uma vida vivida plenamente, em contraste com uma vida vivida de forma inautêntica, na qual o indivíduo é absorvido pela rotina, conformismo e pela impessoalidade do "se".

Para Sartre (2015) a vida humana não tem uma essência pré-definida; em vez disso, "a existência precede a essência". Isso significa que os seres humanos nascem sem um propósito intrínseco e precisam construir seu sentido através de suas escolhas e ações. Na obra "O Ser e o Nada", Sartre argumenta que o ser humano está constantemente projetando-se no futuro, criando seu próprio caminho de forma livre, ainda que essa liberdade traga consigo angústia e incerteza.

O ponto alto do romance ocorre quando Veronika descobre que sua condição médica foi manipulada pelo Dr. Igor, o psiquiatra responsável pela clínica, que a fez acreditar que tinha poucos dias de vida como parte de um experimento sobre o impacto da morte iminente na mente humana. Ironicamente, é essa falsa proximidade da morte que finalmente desperta nela uma nova vontade de viver.

Na obra "Ser e Tempo" (2015), Martin Heidegger introduz o conceito de ser-para-a-morte, argumentando que a compreensão da própria mortalidade é essencial para a existência autêntica. Segundo Heidegger, viver de forma autêntica requer que o indivíduo encare a realidade de sua finitude

e reconheça a morte como parte inevitável da vida. Ao aceitar essa finitude, o indivíduo é capaz de viver de forma mais plena, atribuindo maior significado às suas escolhas e ações diárias.

Para Sartre (2015) a confrontação com a morte também é um estímulo para a realização da liberdade humana. Sartre afirma que, embora a morte seja inevitável e esteja fora do controle do indivíduo, é o conhecimento dessa finitude que pode nos libertar para viver uma vida mais autêntica. A morte, em sua inevitabilidade, coloca em foco a liberdade radical do ser humano para escolher e agir. Veronika, ao acreditar que tinha apenas alguns dias de vida, começa a perceber que cada momento tem valor e que sua liberdade para os viver intensamente depende apenas dela.

Essa "proximidade" da morte faz com que Veronika redescubra o poder de suas escolhas e a liberdade de aproveitar cada instante. Para Sartre, essa realização é central para a existência humana, já que viver autenticamente com liberdade envolve reconhecer a responsabilidade sobre a própria vida, mesmo diante da inevitabilidade da morte.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Veronika Decide Morrer” retrata de forma profunda e filosófica a jornada de uma personagem que, ao confrontar a morte, redescobre o valor e o sentido da vida. Através da abordagem fenomenológico-existencial, o romance nos permite compreender a crise existencial de Veronika, marcada pela monotonia e pela percepção de falta de significado, o que a leva à tentativa de suicídio. No entanto, é justamente a proximidade da morte que desperta nela uma nova perspectiva, revelando que o sentido da vida não é fixo, mas pode ser continuamente ressignificado através das experiências e escolhas diárias.

Através da vivência de Veronika em Villette, somos convidados a refletir sobre as implicações filosóficas e existenciais da liberdade humana, especialmente a liberdade de escolha diante da finitude. A partir de sua convivência com outros personagens que também enfrentam desafios existenciais, Veronika redescobre o valor da incerteza e da imprevisibilidade da vida. Essa transformação mostra que, mesmo em momentos de extremo desespero, é possível encontrar novos significados e vivências que nos permitem encarar a vida de forma mais autêntica e plena.

Como observado por Sapienza (2022), a fenomenologia existencial valoriza a experiência vivida e a conexão com o mundo, livre por vezes das teorias explicativas, destacando que a compreensão do ser humano se dá a partir de suas referências e vivências. No caso de Veronika, sua transformação ocorre quando ela se reconecta com o mundo e com os outros, percebendo que a liberdade e a responsabilidade de viver estão sempre presentes, mesmo em situações adversas.

O final do romance, que deixa em aberto o destino de Veronika, reforça a ideia de que a vida não é sobre encontrar respostas definitivas, mas sobre abraçar a incerteza e o desconhecido. Em vez de buscar a morte como uma fuga, Veronika aprende a viver com a consciência da morte, permitindo que essa consciência dê sentido e profundidade à sua existência.

A partir do romance somos capazes da reflexão sobre a liberdade, a finitude e o poder da transformação que surge quando o ser humano confronta sua própria mortalidade. Veronika, ao aceitar a imprevisibilidade da vida, descobre que o sentido pode ser encontrado não apenas na busca por grandes realizações, mas também nos pequenos momentos e nas escolhas que moldam nossa existência.

REFERÊNCIAS

COELHO, P. Veronika decide morrer. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998. 240 p.

DUTRA, E. Compreensão de tentativas de suicídio de jovens sob o enfoque da abordagem centrada na pessoa. 2000. Tese (Doutorado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001180864>. Acesso em: 1 mar. 2024.

FEIJOO, A. M. L. C. Suicídio: uma compreensão sob a ótica da psicologia existencial. Arquivos Brasileiros de Psicologia, [S.l.], v. 71, n. 1, p. 158-173, 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672019000100012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 25 mar. 2024.

FRANKL, V. E. Sobre o sentido da vida. Petrópolis: Vozes Nobilis, 2022. 152 p.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HEIDEGGER, M. Ser e tempo. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. 600 p.

ROCHA, M. A. S.; BORIS, G. D. J. B.; MOREIRA, V. A experiência suicida numa perspectiva humanista-fenomenológica. Revista da Abordagem Gestáltica, [S.l.], v. 18, n. 1, p. 69-78, 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672012000100010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 12 fev. 2024.

SAPIENZA, B. T. Conversa sobre terapia. 3. ed. São Paulo: Escuta, 2022. 112 p.

SARTRE, J. P. O ser e o nada. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. 832 p.

SILVEIRA, A. L. R. Ser para a morte, possibilidade existencial e finitude da existência em Ser e Tempo. Trans/Form/Ação, [S.l.], v. 47, n. 1, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0101-3173.2024.v47.n1.e0240071>. Acesso em: 18 fev. 2024.